

Dr. David Bauer, Estudo Bíblico Indutivo, Aula 7, Pesquisa de Livros, Relações Estruturais Primárias e Perguntas

© 2024 David Bauer e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David Bower em seu ensinamento sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 7, Pesquisa de Livros, Relações Estruturais Primárias e Perguntas.

Estamos discutindo relacionamentos primários. Queremos passar agora para as relações auxiliares. Prometi que, neste momento, indicaria a diferença entre relacionamentos primários e relacionamentos auxiliares. Um relacionamento primário é um relacionamento que pode ser usado sozinho.

Agora, às vezes, como vimos, eles estão combinados. Já falamos sobre, por exemplo, a recorrência do contraste no Livro de Provérbios. Repetidamente, recorrentemente, você contrasta entre sabedoria e tolice.

Então, eles podem ser combinados, mas não precisam ser combinados. Você pode ter relacionamentos primários simplesmente por conta própria. Considerando que, os relacionamentos auxiliares normalmente não são usados por si só, mas em combinação com relacionamentos primários, a fim de fortalecer o relacionamento primário.

A razão pela qual as relações auxiliares normalmente não são utilizadas isoladamente, mas em combinação com uma relação primária para fortalecer a relação primária, é porque estas relações auxiliares têm apenas a ver com a colocação de material, com a disposição. Eles não abordam um senso de conexão. Ou seja, eles não têm significado associado a eles.

Eles não abordam a conexão dos sentidos. Considerando que os relacionamentos primários envolvem conexão dos sentidos. A relação, por exemplo, de contraste envolve um sentido de conexão de diferença ou de comparação, o sentido de conexão de semelhança ou particularização, o sentido de conexão de especificidade.

Mas você não tem esse tipo de senso de conexão implícito nos relacionamentos auxiliares. Mas, o facto de os escritores utilizarem a estrutura, geralmente, para comunicar o sentido leva-os a não utilizar relações auxiliares por si só, mas em combinação com relações primárias, a fim de fortalecer a ligação de sentido que está implícita na relação primária que está a ser fortalecida. pela relação auxiliar com a qual é usado. Agora, existem algumas dessas relações auxiliares que mencionaremos aqui.

O primeiro é o intercâmbio, que é a troca ou alternância de determinados elementos, geralmente em termos de blocos de material. Você tem isso quando tem, digamos, uma alternância entre duas, indo e voltando, troca ou alternância entre duas coisas em um tipo de arranjo AB, AB. Os estudiosos às vezes se referem a isso como estrutura listrada, AB, AB, alternância, blocos de material.

Um exemplo de intercâmbio no nível do livro seria o intercâmbio no livro de Miquéias, onde há um constante vaivém entre blocos de declarações de culpa e punição e blocos de declarações sobre a restauração do remanescente. Então, você notará que há culpa e punição em 1:2b até 2:11, seguida pela restauração do remanescente justo em 2:12 até 13. Então, em 3:1b até 12, ele volta à culpa e punição. .

E em 4:1 até 5:15, ele volta à restauração do remanescente. E então, em 6:1b até 7:14, ele volta à culpa e ao castigo. E então o livro termina com o bloco final que trata da restauração do remanescente.

Então, AB, AB, AB. Ora, aqui, é claro, é bastante claro que o intercâmbio é usado para fortalecer o contraste. Ele está enfatizando aqui o contraste entre a culpa de Israel e o julgamento adequado sobre a culpa de Israel com a determinação de Deus de restaurar graciosamente o remanescente de Israel.

Agora, na verdade, esta alternância de blocos de material é uma forma de o escritor enfatizar o contraste entre a culpa e a punição de Israel, por um lado, e a restauração do remanescente por Yahweh, por outro. Então, isso realmente destaca o contraste. Torna tudo mais óbvio, revela a importância disso.

Essa é uma das razões pelas quais ele usa esse intercâmbio para fortalecer o contraste. Mas, além disso, esse constante vaivém permite ao escritor desenvolver dimensões específicas das diferenças de maneiras que de outra forma não seria capaz de fazer, colocando esses blocos lado a lado, uns contra os outros. Um outro tipo de relacionamento auxiliar é a intercalação.

Temos isso quando se trata da inserção de uma unidade literária no meio de outra unidade literária. Agora, você não pode ter isso em material epistolar. As chamadas digressões paulinas podem ser uma forma de intercalação.

Mas normalmente você tem intercalação no material narrativo. Se você consegue imaginar isso, é como se um escritor tivesse uma história, e ele desmontasse essa história e então se jogasse no meio dela, outra história que, superficialmente, não parece ter muito a ver com ela. a história que o rodeia. E esse é realmente o ponto.

Essa é realmente a força da intercalação. Quando você tem esse tipo de intercalação, é uma forma do escritor fazer com que o leitor faça uma pausa, coce a cabeça e diga:

qual é exatamente a relação aqui? E como é que esta história que se estende no meio da história circundante ilumina a história circundante? E como isso ilumina, essa história circundante ilumina a história que está inserida nela? Em outras palavras, eles são mutuamente esclarecedores. Agora, um exemplo de intercalação está em Gênesis 38.

Você se lembra que no livro de Gênesis, dos capítulos 37 ao 50, temos a chamada narrativa de José. Gênesis 37 a 50 está realmente preocupado com José. A narrativa de José começa no capítulo 37.

Mas no capítulo 38, você tem a história de Judá, que é, claro, irmão de José, Judá e Tamar, que aparentemente não parece ter nada a ver com a história de José e seus irmãos que começa no capítulo 37 e continua no capítulo 39 e vai até o capítulo 50. Então, o leitor é encorajado a fazer uma pausa e perguntar: o que diabos essa história sobre Judá e Tamar está fazendo aqui na narrativa de José? Agora, você lembra o que acontece lá no capítulo 37, no caso de Judá e Tamar, que Tamar era casada com um dos filhos de Judá e que ele morreu. De acordo com a Lei do Levirato costumeira, seu irmão deveria tomar seu lugar e criar filhos para seu irmão falecido, a fim de continuar o povo da aliança, a fim de continuar a linhagem, a fim de continuar a linhagem, que era não era simplesmente uma questão de interesse e preocupação familiar, mas realmente tinha a ver com a continuação da linhagem do povo da aliança, com o cumprimento da aliança que Deus fez com Abraão, Isaque e Jacó, de que ele faria de seus descendentes as estrelas do céu e como areia nas praias do mundo.

Quando entrou o irmão, que tinha a obrigação de realizar os ritos conjugais e de criar filhos para o irmão, derramou a sua semente no chão para não o fazer. E, claro, Deus ficou descontente com isso e foi abatido. Tamar ficou muito preocupado com toda essa situação e extremamente infeliz com ela, principalmente quando Judá se recusou a realmente colocar seu outro filho à disposição de Tamar.

E então Tamar saiu e se vestiu de prostituta. Judá entrou com ela, pensando que estava fazendo sexo com uma prostituta, e criou involuntariamente, inadvertidamente, filhos para a linha. Agora, quando você considera o que realmente está acontecendo no capítulo 38 de Gênesis, você vê exatamente como isso funciona na narrativa de José, que ressalta o contraste entre José e seus irmãos, aqui representados por seu irmão Judá.

José, você se lembra, é na verdade seduzido pela esposa de Potifar. Ele se recusa a praticar imoralidade sexual na fornicção, ao passo que Judá se aproxima de uma mulher que ele pensa ser uma prostituta e faz sexo casual com ela. Além disso, pelo que José faz, ou podemos dizer pelo que Deus faz através de José aqui nos capítulos 39 a 50, ele salva o povo da aliança da destruição e torna possível que as promessas da aliança de Deus relativas aos descendentes de Abraão, Isaque e Jacó continuem. .

E novamente, isso está relacionado com o que Deus faz aqui no capítulo 38. Ele continua que Deus faz com que a linha da aliança continue através de José aqui nos capítulos 39 a 50, através da obediência de José, através da fidelidade de José, e através da integridade de José. Mas Deus também está trabalhando para fazer com que a linha da aliança continue no capítulo 38 através de Judá, através da infidelidade dos irmãos, através da sua falta de integridade, e através da sua fornicação.

Novamente, você vê como a história de José é informada e iluminada pelo material intercalado que trata de Judá e Tamar aqui e como a história de Judá e Tamar faz sentido. Compreendemos o que o escritor tem em mente, entendendo-o assim como uma intercalação em contraste com a narrativa de José que o rodeia. Vou dar mais um exemplo disso, que é extremamente divertido, eu acho.

E vem de 1 Samuel. Vem de 1 Samuel, e tenho referência aqui a 1 Samuel capítulo 24. Bem, na verdade, eu deveria dizer ao capítulo 25, 1 Samuel capítulo 25.

Você se lembra, em toda esta parte do livro de 1 Samuel, na verdade, a partir de 1 Samuel 19, você tem a luta entre Davi e Saul. Um espírito maligno vem do Senhor sobre Saul, e Saul, é claro, suspeita fortemente que Davi foi escolhido por Deus para ser o sucessor de Saul e, na verdade, seu substituto como rei. E assim, Davi é perseguido por Saul repetidamente, constantemente nesses capítulos e foge, é claro, em cada caso.

Mas intercalado no meio desta história, desta narrativa de David sendo perseguido e fugindo repetidamente de Saul, temos o capítulo 25, que é a história de Nabal. Aqui, David encontra este grosseiro e grosseiro, Nabal, e sua esposa, Abigail. Nabal trata David e os seus servos com vergonha e não realiza os ritos de hospitalidade que são fundamentais para a antiga cultura do Oriente Próximo.

Davi fica irado com ele e sobe junto com todos os homens que estão com ele, os homens poderosos que estão com ele, e vai atrás de Nabal com o objetivo de destruí-lo e tudo o que ele possui. Mas Abigail, esposa de Nabal, sai e encontra Davi e o afasta das ações destrutivas que Davi pretendia contra Nabal. E Davi diz, é claro, no capítulo 25, versículo 32, Davi diz a Abigail aqui após ela ter desviado Davi do assassinato que ele pretendia matar Nabal e a casa de Nabal, bendito seja o Senhor, o Deus de Israel, que te enviou hoje para me encontrar.

Bendito seja o seu discernimento e bendito seja você que hoje me livrou da culpa de sangue e de me vingar com minhas próprias mãos, pois tão certo como vive o Senhor, o Deus de Israel, que me impediu de feri-lo, a menos que você tivesse feito pressa e veio ao meu encontro verdadeiramente, pela manhã não havia sobrado

para Nabal nem um único homem. Então Davi recebeu da mão dela o que ela lhe trouxera e lhe disse: Vai em paz para tua casa. Veja, eu ouvi sua voz.

Eu concedi sua petição. Agora, superficialmente, essa história parece ser irrelevante em relação ao que está acontecendo nesta parte de 2 Samuel como um todo, à perseguição de Davi e à fuga de Saul. Mas você observa aqui que o escritor que é um contador de histórias habilidoso, o escritor de 1 Samuel, faz uma conexão entre a história de Davi e Nabal no capítulo 25 e a história de Davi e Saul no material circundante.

No capítulo 24, o capítulo que precede imediatamente o capítulo 25, a história de Nabal, e também no capítulo 26, o capítulo que sucede imediatamente à história de Nabal, David encontra Saul numa posição vulnerável. Ele está adormecido. Saul está dormindo no capítulo 24.

David poderia tirar sua vida. Os servos de Davi insistem para que ele mate Saul, mas Davi se recusa a fazê-lo. No capítulo 26, Davi encontra Saul na caverna.

Quando Saul está dormindo, fazendo suas necessidades, e na verdade, devo dizer, ele o encontra na caverna no capítulo 24, e o encontra dormindo no capítulo 26. E novamente, seus servos insistem para que ele mate Saul, mas ele se recusa. para fazer isso. Observe também a conexão fraseológica.

Aqui, quando ele confronta Saul na caverna de En-Gedi, no capítulo 24, é isso que Saul lhe diz. Você é mais justo do que eu. Você me retribuiu com o bem, enquanto eu lhe retribuí com o mal. Observe como isso se relaciona com o que Davi diz sobre Nabal em 25, 21.

Certamente em vão guardei tudo o que este sujeito tem no deserto, para que nada lhe faltasse de tudo o que lhe pertencia, e ele me devolveu o mal com o bem. A mesma coisa, a mesma coisa nas mesmas palavras que Saul diz sobre Davi. Você me retribuiu com o bem, enquanto eu lhe paguei com o mal.

David diz a respeito de Nabal em 25, 22. Ele me devolveu o mal com o bem. Quando Davi poupa a vida de Saul no acampamento quando Saul está dormindo no capítulo 26, Saul diz em 26, 21: Eu errei.

Devolva meu filho, David, pois não farei mais mal a você, porque minha vida foi preciosa aos seus olhos neste dia. Veja, observe isto: eu fiz papel de tolo e errei muito. Saul diz sobre si mesmo em relação a Davi, eu fiz papel de tolo.

Isto se conecta com o que Abigail diz sobre seu marido Nabal em 25:25. Que meu Senhor não considere esse sujeito mal-humorado, Nabal, esse sujeito mal-humorado,

Nabal, pois qual é o seu nome, ele também é. Nabal, que , aliás, significa tolo, Nabal é o seu nome e a loucura está com ele.

Além disso, uma espécie de linha descartável no capítulo 25, a história de Davi e Nabal em 25:36. E Abigail veio a Nabal, e eis que ele estava dando uma festa em sua casa, como a festa de um rei. Portanto, o escritor não poderia fazer muito mais do que fez para indicar que há aqui uma comparação entre Saul e Davi e entre Nabal e Davi.

Esse Nabal, esse Saul e, claro, o que isso indica é que Saul é um tolo, assim como Nabal é um tolo. E o tipo de tolice, o tipo de tolice que você tem em Nabal, tem como objetivo iluminar o caráter de Saul, a tolice de Saul nos capítulos adjacentes e assim por diante. Mas o que é especialmente enfatizado, e este é um ponto real que penso no capítulo 25 estar aqui, é que Davi deixa claro que o Senhor enviou Abigail a ele para afastar Davi da culpa de sangue, que ele tinha em mente quando disse: suas intenções de destruir Nabal.

Isto é extremamente significativo em termos da nossa interpretação de David e Saul porque, a título de comparação, isto é uma forte sugestão de que David se recusou a colocar a mão contra o ungido do Senhor. Ele se recusou a destruir Saul nessas duas ocasiões, não em uma ocasião, mas nas duas ocasiões em que teve a oportunidade perfeita para fazê-lo. E quando foi encorajado por seus homens a fazer isso, ele se absteve de fazer isso, o que teria envolvido trazer culpa, trazer culpa de sangue sobre si mesmo e sua família, e que foi o Senhor quem o levou a fazer isso.

Na verdade, foi o Senhor quem esteve por trás da decisão de Davi de não levantar a mão contra o ungido do Senhor. Foi realmente o Senhor quem, através de sua graça, ajudou Davi e fez com que Davi não matasse Saul quando teve oportunidade, com a consequência de trazer culpa de sangue sobre si mesmo e sobre seus descendentes, os filhos de Davi. Então isso é intercalação.

Um outro tipo, e este é o último, bem, não exatamente o último, mas quase o último que mencionaremos, é um quiasma. Deixe-me apenas ter certeza de que não perdi nenhum aqui. OK.

Quiasma é a repetição de elementos em ordem invertida. Em um AB, e se você tiver um elemento intermediário, C, B primo, A tipo primo de ordem. ABBA ou ABCBA.

Agora, esta é uma característica muito comum na Bíblia. Foi muito popular. O quiasma era muito popular no mundo antigo.

Encontramos isso muitas vezes na Bíblia. Ele pode ser usado, e é por isso que o mencionamos aqui, no nível do livro como um todo, embora normalmente você o encontre em unidades menores de material, porque para que o quiasma funcione,

ele realmente precisa ser reconhecível, e se estiver espalhado por um material muito amplo, tende a não ser tão óbvio como seria. Então, vou dar exemplos, embora, como eu disse, você possa encontrar isso em livros inteiros.

Poderíamos dar exemplos disso. Para fins de ilustração, vou observar onde ela pode ser encontrada em unidades menores e mencionei aqui Mateus 19.30 a 20.16. Mais uma vez, deixe-me lembrá-lo de que é muito importante que você procure essas passagens na sua Bíblia e observe onde elas aparecem. Agora, Mateus 19:30 diz: Muitos dos primeiros serão os últimos, e os últimos, primeiros.

E temos quase a mesma afirmação em 20:19, na verdade 20:16. Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos. Muitos que são os primeiros serão os últimos, os primeiros, os últimos e os últimos, os primeiros. A, B, B, A. E novamente, às 19h30, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos.

A, B, B, A. Agora, observe que esta, na verdade, entre estas duas declarações, 19:30 e 20:16, é a parábola dos trabalhadores na vinha, onde o chefe de família, que obviamente representa Deus, vai para mercado para contratar trabalhadores para a sua vinha às 6 horas da manhã, às 9 horas da manhã, ao meio-dia, novamente às 3 horas, e novamente às 3 horas da tarde, e depois novamente às 5 horas da tarde. E, claro, no final das contas, quando ele vai pagar, ele paga a todos o mesmo valor. Mas também, o que muitas vezes é esquecido aqui em relação a esta parábola é que, no final das contas, ele também paga aqueles que são contratados primeiro, por último, e paga aqueles que são contratados por último.

Portanto, este princípio, os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros, está realmente refletido na própria parábola, que também está estruturada de acordo com o quiasma porque na parábola você tem o primeiro a ser contratado e depois o último a ser contratado. ser contratado, isso tem a ver com contratação, e então em relação ao pagamento os primeiros a serem contratados são, os primeiros a serem contratados, desculpem, os primeiros a serem contratados são, sim, eu deveria fazer assim, os últimos os contratados são pagos primeiro e depois os primeiros a serem contratados são pagos por último. Então, novamente, você tem esse ABBA, contratado primeiro, contratado por último, e então aqueles que são contratados por último são pagos primeiro, e aqueles que são contratados primeiro são pagos por último. Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros.

A propósito, observem que em termos de 1930 e 2016, vocês têm um quiasma dentro do quiasma. Observe que o primeiro será o último, e o último será o primeiro, e então o último será o primeiro, e o primeiro será o último, ABB primo, A primo mesmo aqui. Então, você tem quiasmas sobre quiasmas aqui nesta passagem.

E, claro, tudo isto é para realçar todo o elemento de contraste e para salientar que a compreensão que Deus tem da justiça, do direito, é diferente das típicas calibrações humanas de justiça. Parece-nos justo, claro, que aqueles que são contratados primeiro e que trabalham realmente 12 horas por dia não apenas recebam mais do que aqueles que são contratados às cinco da tarde e trabalham apenas uma hora o calor do dia, o frescor da noite, para que ganhem mais do que isso, mas também para que os que são contratados primeiro recebam primeiro, e os que sejam contratados por último recebam por último. Mas aqui você tem uma inversão de expectativas.

Então, é claro, a questão é que a compreensão que Deus tem da justiça é diferente das formas humanas típicas de entender a justiça. OK. A seguir mencionaremos inclusio, e este será o último sobre o qual falaremos.

A inclusão envolve a repetição da mesma palavra ou frase no início e no final de uma unidade, criando realmente um efeito de colchetes. Como mencionei anteriormente, os salmos individuais no livro, no Saltério, em certo sentido, funcionam como seus próprios livrinhos individuais. Eles eram originalmente, é claro, independentes.

Eles foram compostos de forma independente, esse tipo de coisa. Então você pode realmente usar os Salmos para ilustrar o que está envolvido na pesquisa de livros. Agora, vamos dar uma olhada no Salmo 106 com relação à inclusio aqui.

Na verdade, o Salmo 104 é melhor. O Salmo 104, bendiga ao Senhor, ó minha alma. O Salmo começa com este apelo, esta exortação a bendizer ao Senhor, ó minha alma.

No versículo um, versículo 35, o último versículo do Salmo, bendiga ao Senhor, ó minha alma. Agora, o que precisamos considerar aqui quando você tem esse tipo de inclusio é como o material intermediário se relaciona com os versículos entre colchetes. Aqui, como os versículos dois a 34 se relacionam com o versículo um, bendiga ao Senhor, ó minha alma, e o versículo 35, bendiga ao Senhor, ó minha alma.

Basicamente, o que você tem nos versículos, como você verá se ler, nos versículos dois a 34 são razões pelas quais devemos bendizer ao Senhor. Aqui, então, você tem comprovação. Abençoe o Senhor, ó minha alma, por causa de seus atos poderosos e graciosos, que revelam que ele é digno de ser abençoado. Depois, é claro, a causalidade por causa de seus atos poderosos e graciosos que expressam sua dignidade de ser abençoado. Portanto, bendiga ao Senhor, ó minha alma.

Assim, o Salmo 104 está estruturado segundo a fundamentação e causalidade por inclusio. A inclusão realmente reforça e fortalece a fundamentação e a causalidade que você tem aqui. Ora, inclusio realmente funciona para indicar a preocupação

primária da unidade como um todo, neste caso, um salmo ou um livro, da unidade como um todo por meio de colchetes.

Portanto, a preocupação aqui é o apelo por parte do escritor ao leitor para que viva uma vida de bênção constante do Senhor desde o mais profundo do ser da pessoa. Bendiga ao Senhor, ó minha alma. Esse é realmente o peso deste salmo. E depois, claro, a motivação ou razões e por que, de facto, devemos ordenar as nossas vidas desta forma.

Agora, algumas notas adicionais em relação às principais relações estruturais. Na verdade, um relacionamento importante, como mencionamos, precisa controlar a maior parte do material, mais da metade do material do livro que está sendo pesquisado. E é útil se for distintivo, ou seja, o tipo de coisa que realmente traz significado.

Contudo, também podemos fazer uma distinção entre relações implícitas e relações explícitas. Um relacionamento implícito, um relacionamento explícito é aquele em que você tem uma marca explicitamente presente. Vimos, por exemplo, que sempre que você tem a palavra, você sabe que tem contraste.

E sempre que você tem a palavra portanto, você sabe que tem causalidade. Mas isso seria, seriam relacionamentos explícitos. Mas você pode ter contraste quando não há palavra, mas explicitamente presente.

E você pode ter causalidade quando a palavra, portanto, não aparece explicitamente. Em casos como esse, a relação é implícita e não explícita. E então podemos fazer uma distinção também entre relacionamentos simples e complexos.

Um relacionamento simples é um relacionamento usado por si só. Digamos causalidade. Mas vemos que por vezes duas ou mais relações estruturais estão tão ligadas em termos da forma como funcionam dentro de um livro que não é possível descrever como uma relação funciona dentro deste livro sem falar também de outra.

Eles estão tão intimamente ligados dessa forma. Quando for esse o caso, é útil combiná-los em um relacionamento complexo. E vimos isso em alguns dos exemplos.

Por exemplo, mencionamos repetidamente a recorrência do contraste em Provérbios entre sabedoria e tolice ou insensatez. Veja, você não pode falar sobre contraste em Provérbios sem falar sobre recorrência porque o contraste é recorrente. E não se pode falar sobre recorrência em Provérbios sem trazer contraste.

Não é possível descrever como funciona um desses relacionamentos sem falar também sobre o outro. E, portanto, é realmente útil combiná-los porque o próprio

escritor os combinou. Ou seja, estão combinados no programa e na dinâmica do próprio livro.

E então, podemos fazer uma distinção também entre relações gerais e relações específicas. Alguns relacionamentos são mais gerais que outros e estão implícitos em relacionamentos mais específicos. Mencionamos, por exemplo, que implícito na crucialidade está uma recorrência de causalidade.

Quando você tem essa noção de reversão radical por causa do pivô, o material que precede o pivô causa um pivô. Mas, especialmente, há uma causalidade entre a passagem central e a que se segue. E, claro, há um contraste radical entre aquilo que precede um pivô e aquilo que segue um pivô, uma vez que aquilo que segue um pivô desfaz aquilo que precede um pivô.

Portanto, essa crucialidade é uma forma mais específica de recorrência de causalidade e contraste. Mas quando você tem esse tipo de recorrência de causalidade e contraste, é mais preciso rotulá-lo de crucialidade. Essa é uma maneira mais precisa de observar o que realmente está acontecendo.

E por isso achamos que é sempre útil tentar identificar aqui a relação específica mais precisa. Também podemos fazer uma distinção entre relacionamentos conscientes e subconscientes. Algumas relações foram empregadas conscientemente pelo escritor.

Outros inconscientemente. Por exemplo, alguém poderia perguntar com relação à crucialidade que você tem no livro de Ester, o escritor do livro de Ester sentou-se com sua lista de relacionamentos estruturais e disse, bem, acho que vou, eu veja que há crucialidade aqui. Acho que vou usar a crucialidade para estruturar meu livro.

É improvável que ele tenha feito isso. No entanto, a questão é que há todos os motivos para pensar que o escritor do livro de Ester considerou seriamente a melhor forma de comunicar a mensagem que tinha de comunicar. E ele escolheu usar esta inversão radical por causa de um pivô como meio de comunicar a sua mensagem.

Assim, embora ele não pretendesse conscientemente, talvez não conscientemente, usar a crucialidade, ele considerou a melhor forma de comunicar o que tinha para comunicar e decidiu fazer uso desta forma, fazer uso deste arranjo estrutural para fazer isso. Além disso, sabemos que o mundo antigo era muito obcecado por questões de comunicação. A educação, e claro grande parte da educação, era informal, mas tanto a educação informal como a formal no mundo antigo eram em grande parte retóricas.

Concentrou-se amplamente em métodos e maneiras, práticas de comunicação. Sabemos que foi esse o caso no que diz respeito à educação no mundo greco-romano do século XXI. Assim, Aristóteles, por exemplo, escreveu um livro inteiro

sobre poética no qual fala longamente sobre uma série dessas relações estruturais, incluindo comparação e contraste, às quais Aristóteles se refere como sincrose e coisas semelhantes.

Então, pode muito bem ser que alguns desses escritores tenham usado intencionalmente essas relações estruturais, mas como não estamos tão informados sobre isso, não estamos tão focados em métodos e meios de comunicação como os antigos, como os povos antigos eram, tendemos a considerá-los garantidos. Poderíamos ser negligentes quanto ao tipo de intencionalidade que eles deram a esses tipos de características estruturais. Mas mesmo que isso seja, mesmo para além disso, temos de considerar que os tipos de relações estruturais de que temos falado estão, na verdade, incorporados na mente humana e na comunicação humana.

Eles são encontrados em todas as línguas, em todas as culturas, em todos os tempos e, de fato, em todas as formas de arte, não apenas na comunicação verbal como a literatura, mas também, na maior parte, são encontrados em outras formas de arte, como música, arquitetura, pintura, escultura e assim por diante. Na verdade, o movimento indutivo do estudo bíblico conheceu esse tipo de dinâmica pela primeira vez através de um ensaio, um ensaio muito famoso de John Ruskin, chamado Ensaio sobre Composição, no qual Ruskin argumentou que muitos destes que temos falado sobre são encontrados na própria natureza. Acharmos que talvez seja um pouco mais correto dizer que tem a ver com a estruturação da mente humana, de modo que a comunicação, a arte na verdade, parece ser impossível sem usar este tipo de relações estruturais.

Agora, o fato é que nós os usamos o tempo todo, tanto na comunicação quanto na interpretação da comunicação, mas como estruturas gramaticais, sujeito, predicado, adjetivos, todo esse tipo de coisa, não paramos e os analisamos. Não precisamos. No entanto, eles estão incorporados nos processos do nosso pensamento, e quando se trata de uma interpretação profunda, específica e cuidadosa de uma comunicação muito significativa, é útil, tal como fazemos com a análise gramatical, também no que diz respeito à análise estrutural literária, é útil. É útil fazer uma pausa e realmente pensar sobre como isso está sendo dito, como uma forma de compreender de forma mais completa, mais precisa e mais específica o que está sendo dito.

Novamente, você pode compreender melhor o conteúdo prestando atenção e prestando atenção à forma e estrutura. Agora, por que identificar as principais relações estruturais? Bem, por um lado, é claro, ajuda a identificar as passagens mais significativas e as questões ou conceitos mais significativos dentro do livro, portanto bastante importantes, relevantes e práticos quando se trata de interpretação, e também nos ajuda a identificar como os elementos individuais do livro se relacionam entre si, com outros elementos individuais do plano e do pensamento do livro. É

realmente através dessas relações estruturais. Caso contrário, poderíamos chamá-los de sistemas organizacionais no livro; é justamente por meio deles que o escritor comunica o significado, e eles serão muito significativos na hora da interpretação.

Agora, é por isso que dizemos que, mais significativamente, ela ajuda diretamente na interpretação específica e precisa de passagens individuais e do livro como um todo, e faz isso de duas maneiras. Uma coisa, serve de base para fazer perguntas. Levantamos questões sobre estas relações estruturais, e estas questões servirão então como uma ponte para a interpretação.

É respondendo às questões levantadas na estrutura que realmente interpretaremos o livro, e elas servirão como uma espécie de evidência para interpretar tanto as passagens individuais quanto o livro como um todo. Novamente, tudo o que observamos na pesquisa, fazemos para fins de interpretação. Voltaremos a isso e faremos uso disso, uso positivo disso, dessas observações quando se trata de interpretação.

Agora, como mencionamos, toda exegese bíblica presta muita atenção à estrutura, ou pelo menos presta alguma atenção à estrutura. Todos eles falam sobre isso. O IBS é único porque tende a ser mais intencional e analítico na rotulagem de características estruturais e na consideração de seu significado para interpretação.

Novamente, o IBS não está fazendo nada que não seja feito de outra forma, mas é um pouco mais metodologicamente reflexivo e intencional do que é frequentemente o caso da exegese em geral. Agora, falamos sobre a pesquisa do livro identificando os materiais gerais e específicos. Também falamos sobre a importância de identificar a estrutura, observando as principais unidades e subunidades e as principais relações estruturais operantes no livro como um todo.

A terceira coisa que queremos mencionar na pesquisa bibliográfica tem a ver com o levantamento de questões, questões interpretativas dirigidas às relações estruturais que identificamos. Existem essencialmente três tipos de questões que queremos levantar. A primeira é uma questão definitiva, que é essencialmente o que está aqui e qual é o significado do que está aqui.

A questão definitiva é essencialmente qual é o significado de. Agora, às vezes pode ser formulado como uma questão modal: como? Por exemplo, como essas duas coisas são diferentes? Mas essa é outra maneira de descobrir qual é o significado de.

A questão racional é essencialmente a questão do porquê. Por que isso está aqui? Por que um escritor usou isso? Por que isso foi dito ou feito, propósito ou razão? E o terceiro tipo de questão é a questão implicacional. Quais são as implicações das respostas às questões definitivas e racionais? Agora, as implicações realmente têm a ver com suposições lógicas ou consequências.

Em outras palavras, para que o escritor comunique o que comunicou e que verificamos através de nossas respostas às questões definitivas e racionais, o que o escritor deve assumir? Que tipos de suposições estão por trás de sua comunicação? Se ele realmente acredita no que está comunicando aqui, o que estamos compreendendo através de nossas respostas às questões definitivas e racionais, o que ele deve assumir? Esse é um tipo de implicação. Outro tipo de implicação envolveria conseqüências naturais. Se o escritor realmente acredita nisso, o que necessariamente decorre disso? Em que outras coisas ele também deve acreditar? Quais são os corolários lógicos necessários do que ele apresentou aqui? Agora, neste ponto, na verdade vou fazer referência a uma passagem do livro Estudo Bíblico Indutivo, onde ilustro o que temos em mente por implicações, falando sobre as implicações de Gênesis 1.1. Isto claramente não envolve implicações de uma relação estrutural, mas envolve implicações de uma afirmação para ilustrar o que temos em mente através de implicações, tanto pressupostos que estão por trás de uma afirmação como também conseqüências lógicas necessárias de uma afirmação.

Não preciso citar Gênesis 1:1. para você, mas eu vou. No princípio, Deus criou os céus e a terra. OK.

Para o escritor acreditar ou afirmar que Deus criou os céus e a terra no princípio, o que ele deve presumir? Que suposições estão por trás dessa afirmação? Bem, uma suposição é que Deus existe. No começo, Deus. Em nenhum lugar da Bíblia você encontra um tipo de argumento filosófico para a existência de Deus.

O que você tem é a suposição de que Deus existe com base na obra de Deus como criador. A afirmação de que Deus criou implica ou pressupõe a existência de Deus. Além disso, no início, Deus criou os céus e a terra, implicando, a título de suposição, que Deus é distinto da criação, o que aliás é uma das grandes reivindicações da tradição judaico-cristã.

Provavelmente, é verdade dizer que desde a tradição judaico-cristã, o Islão está, num certo sentido, relacionado com a tradição judaico-cristã. Historicamente, na verdade, é possível que o Islã tenha surgido de uma heresia judaico-cristã e similares, mas das grandes religiões do mundo, na verdade, apenas a religião judaico-cristã e talvez o Islã junto com ela realmente levem a sério a noção que Deus é distinto da criação. Mas essa é uma suposição implícita em Gênesis 1:1, de que Deus é distinto da criação.

Além disso, no início, Deus criou os céus e a terra, sugerindo que Deus é livre. Isso quer dizer que Deus não é limitado por nada dentro da criação. Isso é assumido.

Supõe-se também que Deus é pré-existente à criação. Ele não é coexistente com a criação. Ele é pré-existente com a criação.

Isso está implícito. É assumido na frase, no princípio, que Deus criou os céus e a terra. Além disso, para ele dizer que no princípio Deus criou os céus e a terra, ele deve assumir que Deus é poderoso, que Deus é inteligente, que Deus tem um propósito e que Deus é ativo.

Todas essas coisas estão presentes implicitamente nessa afirmação. Agora, essas são suposições, mas também existem conseqüências naturais de Gênesis 1:1. Uma é que se, de facto, no início, Deus criou os céus e a terra, segue-se então que se espera que Deus se preocupe com o bem-estar da sua criação. Se Deus se deu ao trabalho de criar os céus e a terra, isso implica que Deus estará preocupado com o bem-estar da criação que ele fez.

Isso flui disso. Além disso, Deus tem uma prerrogativa absoluta sobre a sua criação, incluindo a prerrogativa de destruí-la ou julgá-la. Isto, claro, diz respeito à antiga questão da teodiceia, da justificação de Deus, por exemplo, em termos do que Deus faz no mundo, Deus permitindo a dor e o sofrimento e coisas do género.

Uma das respostas que a Bíblia dá, implícita em Gênesis 1.1, é que, em certo sentido, Deus não precisa se justificar. O fato de que no princípio ele criou os céus e a terra significa que ele tem prerrogativas nos céus e na terra, sobre os céus e a terra, incluindo a prerrogativa de julgá-los e destruí-los, e ele não tem responder a ninguém. Além disso, implica que Deus tem autoridade para fazer exigências à sua criação.

Isso implica que Deus tem o poder de sustentar sua criação. Implica que Deus tem o poder de controlar o destino da criação que ele fez e que ele tem o poder de redimir ou reparar a criação, caso essa reparação se torne necessária. Quero dar crédito ao livro aqui.

Isso se encontra na página 134 do nosso livro. Agora, eu acho que é importante lembrar isso, eu acho que é importante, por um lado, fazer essas perguntas na ordem, perguntas definitivas, racionais e implicacionais, porque essas três questões se complementam. A questão racional baseia-se na questão definitiva.

Em outras palavras, você realmente tem que responder qual é o significado do que está aqui antes de responder à pergunta: por que isso está aqui? E claramente, a questão implicacional baseia-se nas questões definitivas e racionais, na medida em que envolve implicações das respostas às questões definitivas e racionais. Agora, neste ponto, não respondemos realmente a essas perguntas. Isto é observação.

Responder perguntas é realmente uma tarefa de interpretação. Neste ponto, estamos simplesmente levantando questões que se tornarão a base do nosso

trabalho de interpretação. Ora, estas implicações que mencionei são mais interpretativas do que aplicativas.

Estas não são questões de aplicação. Não é uma questão do que isso implica em termos de como isso pode se aplicar a nós, mas normalmente envolve implicações teológicas. Como eu disse, se isso é verdade, então isso necessariamente decorre teologicamente.

Aliás, é muito interessante, e é importante lembrar, que o que uma passagem implica faz parte do seu significado tanto quanto o que ela declara abertamente. É por isso que digo que esta não é uma questão de aplicação. É uma questão interpretativa.

O que uma passagem implica faz parte do seu significado tanto quanto o que ela afirma explicitamente. E é por isso que devemos sempre atender, pelo menos perguntar, a questão das implicações. Além disso, e mencionei que essas questões auxiliares são realmente formas mais específicas da questão definitiva, é importante que as questões sejam direcionadas à observação feita, que as questões sejam precisas e gerais, ou seja, abordem de forma específica os problemas estruturais relacionamento é empregado no livro, e que eles sejam criativos e penetrantes em vez de superficiais.

E, claro, esses são tipos de competências que se desenvolvem ao longo do tempo, à medida que adquirimos competências através da prática de levantar questões. Já mencionamos que com o propósito de levantar questões na pesquisa do livro, na conclusão da interpretação de todo o livro, ou pelo menos de uma série de passagens significativas dentro do livro, essas questões são respondidas de modo a sintetizar a mensagem de o livro. Para a maioria dos livros, especialmente um livro de qualquer tamanho, será difícil passar diretamente da pesquisa do livro e das questões que você levanta na pesquisa do livro para responder a essas perguntas.

Mas à medida que você trabalha na interpretação de passagens ao longo de um livro, você pode voltar e, por meio de síntese, responder a essas questões levantadas no momento da pesquisa do livro. Aliás, aqui no seminário é assim que costumo administrar os cursos. No meu curso sobre o livro de Atos, por exemplo, nós, como turma, trabalhamos na interpretação de passagens ao longo do livro de Atos, e então a tarefa final é que os alunos voltem e respondam a um conjunto de questões que eles levantam sob um das principais relações estruturais como forma de sintetizar a mensagem de todo o livro de Atos.

Esse é um dos propósitos de levantar questões na pesquisa do livro. Em livros mais curtos, porém, geralmente livros de quatro capítulos ou menos, essas questões podem servir como um meio de interpretar o livro imediatamente. Se o livro for

curto o suficiente, você pode usá-los para entender a mensagem do livro e interpretá-lo desde o início.

A própria formulação de perguntas perspicazes e penetrantes pode fornecer insights e esclarecimentos sobre a relação estrutural observada. Os teóricos educacionais referem-se a isso como metacognição. No próprio processo de fazer perguntas sobre uma observação, você realmente discerne aspectos ou dimensões dessa observação que, de outra forma, você poderia perder.

Então, é claro, aqui falamos sobre o que acabei de mencionar em termos de implicações. A primeira coisa que fazemos ao examinar o livro é identificar versículos-chave ou áreas estratégicas. Em outras palavras, passagens do livro, quais são as passagens do livro que representam as principais relações estruturais e, portanto, fornecem uma visão do livro como um todo? Agora, é importante perceber que todos nós, quando trabalhamos com um livro bíblico, na verdade consideramos certas passagens mais importantes que outras, como passagens-chave ou passagens estratégicas.

Acreditamos que numa abordagem indutiva é importante que a própria dinâmica do livro determine quais são as passagens-chave, as passagens estratégicas do livro. E a maneira como o livro faz isso para nós é apresentar passagens-chave ou áreas estratégicas por meio de relacionamentos estruturais importantes. Em outras palavras, deveríamos voltar e nos perguntar qual é a breve passagem que melhor representa cada relação estrutural importante que observei.

E essas serão as passagens principais do livro. E penso que é útil, na verdade, apresentar razões em termos das relações estruturais representadas. Então, por exemplo, você poderia dizer que 1-1 é uma passagem chave porque representa particularização e coisas do gênero.

Novamente, ao permitir que as relações estruturais determinem ou apontem para as passagens-chave ou áreas estratégicas, você está realmente permitindo que o próprio livro, o programa e a dinâmica dentro do livro determinem quais são as passagens mais significativas dentro do livro, o passagens principais ou áreas estratégicas do livro. Agora, creio que é útil manter esses versículos-chave ou áreas estratégicas em menor número em seu próprio escopo. Você não faz isso porque são estratégicos, porque são passagens-chave; você não quer que grandes porções do livro sejam incluídas neles.

Eles devem ser breves e em pequeno número, porque mantê-los breves e poucos os tornará administráveis. Em outras palavras, isso nos ajudará a focar nessas passagens-chave e a usá-las como passagens-chave que darão entrada ao livro como um todo. Agora, algumas relações estruturais, é claro, apontam mais diretamente para passagens-chave e áreas estratégicas, como se você tivesse, por exemplo, se

tivesse clímax, claramente a passagem climática representaria a relação estrutural do clímax.

Ou se você tiver crucialidade, claramente a passagem central representaria a crucialidade. Mas outras relações estruturais tornam mais difícil a identificação, e é preciso trabalhar um pouco mais para identificar o versículo-chave ou a área estratégica que pode ser representada por essa relação. Um exemplo disso seria a recorrência, que é a recorrência de coisas iguais ou semelhantes ao longo do livro; nesse caso, você deve se perguntar qual ocorrência da recorrência melhor representa essa recorrência.

Pode ser o primeiro, ou uma série de coisas podem influenciar a decisão de dizer que esta ocorrência específica parece representar melhor a recorrência de todas. Mas tudo isso para dizer que a relação estrutural de recorrência não aponta diretamente para uma passagem. Você tem que trabalhar um pouco mais nisso.

Agora, o objetivo das áreas estratégicas é fornecer uma visão do livro como um todo. Na verdade, depois de identificar seus versículos-chave ou áreas estratégicas, é importante perguntar: ok, como são exatamente esses versículos, como essas passagens-chave iluminam o livro como um todo? Essa é realmente uma das funções de uma passagem chave. É fundamental ou estratégico porque abre, na verdade, aspectos importantes de todo o livro para fornecer uma visão do livro como um todo, e eles podem realmente apontar para a estrutura do livro.

Em outras palavras, quando se trata de identificar versículos-chave ou áreas estratégicas com base em relacionamentos estruturais, você pode identificar, você pode dizer, bem, você sabe, há uma passagem neste livro que realmente me parece crítica, isso me parece fundamental, mas não representa nenhuma relação estrutural importante que identifiquei. Isso pode ser uma pista para você de que perdeu um relacionamento estrutural importante. Na verdade, tive alunos que identificaram uma relação estrutural importante porque consideraram uma chave de passagem, mas isso não representava nenhuma relação estrutural importante que tivessem identificado, e isso os fez voltar e perguntar: existe uma relação aqui? o que é realmente sugerido por esta passagem no livro? Mas ainda mais significativo é que dará orientações sobre onde colocar o estresse e o estudo quando o tempo for limitado, como quase sempre é.

Em outras palavras, ele indicará as passagens mais significativas com as quais passar tempo interpretativo quando se trata de interpretação. Se você não conseguir interpretar todas as passagens de um livro, esses versículos-chave sugerirão que essas são as passagens que, de acordo com a agenda do próprio livro, são mais dignas de investimento interpretativo. E eles fornecerão um foco para a pregação, perdoe o erro de digitação aqui, não para a pregação, mas para a pregação e o ensino.

Trena costumava contar a história anos atrás, quando ele estava no corpo docente do Seminário Bíblico na cidade de Nova York, de ser convidado a dar uma série de estudos bíblicos sobre cada livro da Bíblia na Marble Collegiate Church, que era de Norman Vincent Peale. igreja em Midtown Manhattan, nas noites sucessivas de quarta-feira. E ele recebeu uma hora para cada livro da Bíblia. Então, primeira semana, livro de Gênesis, 50 capítulos, uma hora, o que fazer? Ele disse que o que fez em cada caso foi pegar uma passagem-chave ou uma área estratégica, que, por ser de escopo limitado, era administrável, mas trabalhar com essa passagem-chave em cada caso de tal forma que a passagem se tornasse um entrar na mensagem do livro como um todo.

Ele foi, portanto, capaz de lidar com a mensagem essencial de cada livro de uma forma administrável, concentrando-se em uma ou duas passagens-chave daquele livro no espaço de uma hora. Tenho um ex-aluno que saiu daqui para pastorear na Pensilvânia, e ele voltou e me disse que fez isso em uma série de pregações, que foi capaz de pregar um sermão inteiro sobre vários livros da Bíblia, em domingos sucessivos. noites e assim por diante, novamente pregando, tomando uma passagem estratégica, que era o seu texto, mas pregando sobre ela de forma a mostrar como ela realmente desenvolveu a mensagem de todo o livro. A quinta coisa que fazemos em termos de pesquisa de livros é identificar dados críticos mais elevados, isto é, dados dentro do próprio livro que tratam de questões que os estudiosos chamam de introdução crítica.

Por exemplo, a pessoa do escritor, o local e a data da escrita, os destinatários e a ocasião da escrita. Esse tipo de coisa envolve o contexto histórico do livro, que, claro, como mencionamos anteriormente, pode ser muito significativo. Agora, neste ponto, não vamos a fontes secundárias, mas simplesmente com base no estudo direto do texto, o que o próprio texto diz? O que o próprio texto sugere sobre quem foi o escritor, quem foram os destinatários, qual foi a ocasião da escrita deste livro, esse tipo de coisa. Isto é realmente importante porque à medida que você se familiariza com os dados encontrados no próprio livro referentes a esses tipos de questões, quando você vai a fontes secundárias e lê o que os estudiosos dizem sobre o pano de fundo do livro, quem é o autor, quando foi escrito, qual foi a ocasião da escrita, esse tipo de coisa, você entenderá esse tipo de discussão muito mais detalhadamente.

Você entende muito melhor o que eles estão falando. E, aliás, você poderá fazer julgamentos sobre uma avaliação da legitimidade do que eles estão dizendo. Talvez um determinado estudioso faça certas afirmações em relação à autoria ou ao público aqui, mas você sabe que há dados no livro que na verdade apontariam em outra direção.

Na verdade, isso pode fazer com que você se pergunte se o que este erudito diz com respeito ao contexto histórico é de fato exato. É claro que isto envolve considerações

provisórias em oposição a conclusões firmes aqui. Estamos simplesmente identificando dados que podem ter relação com esse tipo de coisa no livro.

E depois outras impressões importantes, esta é uma categoria abrangente. Qualquer outra coisa que pertença ao livro como um todo e que você ache que realmente deveria ser mencionada, mas que não se enquadre em A a E, nos números de um a cinco, pode ser mencionada aqui. Por exemplo, no livro de Amós, é interessante que Amós, o livro de Amós, seja pontuado por hinos de louvor ao Deus criador.

Você tem cerca de quatro deles que aparecem no decorrer do livro de Amós. É o tipo de coisa que realmente deveria ser observada e caberia aqui neste momento. Você pode notar no livro de Rute que o livro de Rute é extremamente positivo porque não há pessoas más apresentadas no livro de Rute.

Não há canalhas no livro de Rute. Isso é um tanto incomum no que diz respeito às histórias em geral e aos livros bíblicos em particular. Realmente não existem pessoas más.

Você tem algumas pessoas que não são tão boas quanto outras. Orfa, por exemplo, não é apresentada de forma tão positiva quanto Rute, mas ela mesma se apresenta de forma bastante positiva. E, novamente, esse é o tipo de coisa que poderia ser, quero dizer, é apenas uma bela história porque realmente não há mal no livro de Rute.

Novamente, o tipo de coisa que pode ser observada pode ser importante quando se trata de pesquisas de livros. No livro de Mateus, pode ser importante notar que você tem cinco grandes discursos ou cinco grandes discursos de Jesus, cada um dos quais termina na forma de uma fórmula; quando Jesus terminou essas palavras ou algo semelhante, ele prosseguiu. Novamente, o tipo de coisa que deveria ser mencionada na análise do livro não necessariamente, pode não se encaixar necessariamente nas áreas anteriores, então você pode mencioná-la aqui.

Na verdade, este é um bom lugar para fazer uma pausa. Quando voltarmos, queremos realmente fazer uma pesquisa de livros, como uma espécie de amostra. E em antecipação a isso, antes de assistir ao próximo vídeo, recomendo que você leia o livro de Judas.

Tem apenas um capítulo. Leia o livro de Judas e pergunte-se: se você fosse fazer uma pesquisa de livros, o que faria? Em outras palavras, perceba onde você faria as maiores rupturas, o que faria em termos de colapso e se consegue discernir alguma dessas relações estruturais de que falamos no livro de Judas. Esta pode ser a sua primeira vez, se esta for a primeira vez, como provavelmente será, de fazer esse tipo de coisa.

Não espere muito de si mesmo. Não se culpe se não vir tudo o que podemos apontar, mas numa abordagem indutiva, você aprende fazendo. E então, não é apenas uma questão de ouvir o que estou dizendo e anotar, mas você realmente entenderá isso melhor.

Tudo o que estamos dizendo é melhor, que você entenderá melhor e poderá fazer uso disso à medida que o colocar em prática no estudo destes livros. Então faça o que puder no livro de Judas, e então acho que você se divertirá muito olhando o que fez em relação ao que fizemos na pesquisa do livro de Judas.

Este é o Dr. David Bower em seu ensinamento sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 7, Pesquisa de Livros, Relações Estruturais Primárias e Perguntas.